



A MULHER LÉSBICA E A PSICANÁLISE: CONSTITUIÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E GOZO

Glacyanny Pires Alves Lira(1); Philippi Rios da Silva (2)

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, glacyannylira@gmail.com; Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, philippirios@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta desde conceituações mais primevas de mulher, feminilidade, feminino, sexualidade, relações de identificação e gênero até apropriações mais pertinentes, conceitualmente, ao ramo da psicanálise acerca da sexualidade lésbica. Partindo da noção de mulher, e mulher lésbica, este artigo tem como objetivo a análise da lésbica à partir das teorias psicanalíticas; como é vista a sexualidade *dessas sujeitas*, de que modo se constituem e qual a visão da psicanálise acerca dessa posição de mulher. A metodologia utilizada para o desmembramento dos objetivos foi a de revisão bibliográfica. Vale salientar a dificuldade de suporte teórico acerca da sexualidade lésbica, o que levou a um percurso histórico desde Freud até Lacan, passando por alguns autores pós-freudianos, para o atendimento à análise proposta. Por fim, este artigo perpassou por toda a constituição subjetiva da mulher, passando pelas relações de gênero, identidade e identificação, até as conceituações de desejo, falta, relações fálicas e deslocamento do desejo para um outro - sem nome e sem sexo - que, no caso da lésbica, apresenta-se como o igual (até certo ponto) não-fálico, mas que ocupa, por vezes posição sexual, psicanaliticamente falando, distinta e/ou semelhante.

Palavras-chave: mulher, lésbica, psicanálise, posições sexuais, relações identificatórias e identitárias.

INTRODUÇÃO

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa muito difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (FREUD, 1933, p. 108)

“(…) a palavra *mysterion* vem do verbo *myo* e do substantivo *husteros*, e significa útero-fechado. Mistério é o arcano da mulher”(RESENDE, 1993, p. 214). Partindo desse ponto, epistemológico e, ao mesmo tempo, singular, procura-se, de

antemão, definir o objeto de estudo deste artigo, a saber, a mulher.

Tem, assim, a Mulher-Mãe um rosto de trevas: ela é o caos de que tudo saiu e ao qual tudo deve voltar um dia; ela é o nada. Dentro da noite confundem-se os múltiplos aspectos do mundo que o dia revela: noite do espírito encerrada na generalidade e na opacidade da matéria, noite do sono e do nada. No fundo do mar impera a noite: a mulher é o *Mare tenebrarum* temido dos antigos navegadores; a noite impera nas entranhas da terra. Essa noite pela qual o homem receia ser tragado, e que é o inverso da fecundidade,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apavora-o. (BEAUVOIR, 1980, p. 187).

A mulher ocupa, notavelmente, uma posição muito peculiar no imaginário coletivo. É posta primeiro como filha, depois como esposa, amante, mãe; e essas posições são sempre relacionadas a um outro e não à sua constituição enquanto sujeito.

E, ainda:

“A mulher enquanto vida é definida por este duplo aspecto nutritivo, o agrícola e o parturiente; dialectamente [sic], este pólo de vida remete para o pólo da morte. A mulher é terra, não só húmus que desenvolve o grão, mas solo que recebe o defunto” (D’AUBONNE, [s.d], p.36).

Saindo da definição - literal - da figura da mulher e partindo, em um contínuo, para a *estereotipizada e consequentificada* relação com o feminino e a feminilidade, Birman (2001) aponta para dois viéses da conceituação de feminilidade, o primeiro, mais freudiano e cultural, ligado à visão de maternidade, incompletude e falta - oposição ao falo, falta e inveja do falo - e o segundo, pós-freudiano, desconstrutor, que insere a proposta conceitual de feminilidade como quebra do paradigma falocêntrico e

possibilitador da visualização da diferença - o feminino seria, portanto, um conceito de diferença e não de oposição a um objeto ou uma posição, masculina, em essência.

(...) não existe uma classe feminina como há na ordem do masculino. As mulheres são únicas e só podem ser contadas uma a uma. Não há mulher "artigo definido" para designar o universal, pois não há nela um significante que lhe seja específico. Segundo Lacan, a mulher não existe. E é justamente esta inexistência que vai promover a sua existência enquanto ideal: tanto pelos homens, para os quais uma mulher é o seu sintoma, quanto para as mulheres, que se norteiam na tentativa de alcançar uma identificação feminina (VALDÍVIA, 1997, p. 04)

Dentro de toda essa formulação acerca da mulher, sua definição de ser e de ser de feminilidade, há um importante aponte que é o da constituição psíquica - subjetiva -, ou seja, a formação constitutiva da mulher que, segundo Freud (1933) passa, obrigatoriamente, pela via da sexualidade - enquanto fundação subjetiva pautada no desejo, ligado à pulsão, redundantemente, sexual, e na falta, interdito castrador e mantenedor da posição passiva-feminina.

A formação da *mulher* é, portanto, algo para além do fisiológico e da via do sexo, como afirma Valdívia (1997):

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



os dados anatômicos e biológicos seriam insuficientes para definir o que é o masculino e o feminino, atribuídos na cultura, às funções reais e simbólicas, inerentes ao homem e à mulher. Faz equivaler "masculino" a ativo e "feminino" a passivo, advertindo que podem ser influenciados pelo social (p. 02)

Seria mister considerar que a constituição sexual e da sexualidade - distintas e complementares vias ligadas ao sexo - perpassa a formação identitária do *ego*. Há um núcleo identitário de gênero, que caracteriza-se por um conjunto de convicções culturais acerca do imaginário feminino e masculino (STOLLER, 1987), este cerne transcreve, no sujeito, um processo formativo, essencialmente identitário, que o conduz a formar-se homem ou mulher - seja cis ou trans -, psiquicamente, e eleger um objeto de desejo, que, apoiado no que Freud (1915) aponta, em seus estudos sobre o direcionamento da pulsão, não está orientado para a heteronormatividade - norma de escolher o outro, oposto, dispare -, mas para a afetividade ligada a um outro, sem o poder, tachativo, da genitália.

E importante pensar, agora que estão postas as definições mais primeiras, necessárias ao entendimento processual deste artigo, que a posição do ser mulher não a

coloca na relação de desejo com o sexo oposto, obrigatoriamente, mas a permite a livre execução de seu desejo, podendo direcioná-lo para qualquer que seja o gênero.

Lira (2014) apresenta que:

o sujeito humano é constituído como ser de desejo, e o desejo é direcionamento de energia libidinal destinado a um objeto, e se esse objeto nada mais é do que um depositário de sua libido, por definição, nada impede de que esse desejo esteja voltado para um corpo feminino ou masculino – o objeto libidinal é sem sexo e sem nome, portanto o desejo direciona-se ao sujeito outro e não a um ou outro gênero de sujeito. (p.01)

Interessa, ainda, observar a relação identificatória da mulher, e mais, da mulher lésbica, pensando o processo de complexo de Édipo, onde, segundo Freud e Lacan, em percurso psicanalítico adotado por Moreira (2004), a menina que, nas primeiras épocas do Édipo se identificara com a mãe, passa agora a desejá-la, numa relação mista entre identificação e desejo. Se considerar-se a homossexualização, a menina deseja ser a mãe para ter o pai, mas, para além desse processo característico da neurose histérica, na relação identitária da lésbica há um processo identificatório com o feminino, como acontece, geralmente no complexo de Édipo,



mas, destoante da norma, passa a desejar - incestuosamente - a mãe, que pode continuar ou não na posição identificatória ou ser deslocada a objeto de desejo - inconsciente. Observa-se, portanto, que a relação de identificação e de formação da identidade sexual são processos diferentes e acontecem de formas paralelas, ligados ou não.

Rich (2010) propõe que “ a idéia da heterossexualidade como uma instituição política (...) retira o poder das mulheres” (p.18) e, ainda, que “a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (p.21). Ou seja, a sexualidade distinta - de desviante, mesmo - da norma, é vista como anômala e colocada à margem, invisibilizando-a e reafirmando a tachação normativa do padrão - aquele que diz que o desejo da mulher está voltado para o homem.

A mulher lésbica é, portanto, um sujeito do sexo, biologicamente, feminino, com desejo sexual direcionado a uma outra mulher - sua libido é, então, direcionada a um objeto sexual igual a si, igualmente sem nome e, agora, com um sexo.

Partindo da noção de mulher, e mulher lésbica, este artigo tem como objetivo a análise da lésbica à partir das teorias psicanalíticas; como é vista a sexualidade *dessas sujeitas*, de que modo se constituem e

qual a visão da psicanálise acerca dessa posição de mulher.

METODOLOGIA

Luna (2001) aponta que a metodologia de pesquisa, além de responder aos critérios objetivos, deve se conseguir responder aos questionamentos impostos e, ainda, viabilizar a solução dos objetivos. Diante dos objetivos deste artigo, a metodologia que mais se adequa, no sentido de responder aos questionamentos, é a de revisão bibliográfica.

Gerhardt e Silveira (2009) definem o método de revisão bibliográfica, em linhas gerais, como um apanhado de obras: livros, artigos, periódicos, dissertações e teses, que dará suporte a fundamentações acerca de um determinado tema.

Galvão (2010) aponta para as vantagens do método:

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p.377)

Devido à enorme escassez, quase falta, de estudos sobre o tema, o período temporal de utilização do material para aporte teórico de revisão, dista entre 1933 e 2015.

Atendendo aos questionamentos estabelecidos no presente artigo e, na intenção de responde-los, optou-se por utilizar o método de levantamento bibliográfico, tanto por suas vantagens quanto pela limitação temporal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes mesmo de versar a respeito da mulher lésbica, se faz importante trazer a mulher enquanto posição sexual psíquica, tal qual o sujeito, além da sua genitália, pode ocupar. Ser mulher, em Lacan, diz respeito a assumir uma posição passiva: a posição da amante (VALDIVIA, 1997).

De tal modo, a lógica do ter ou não ter o pênis não responderia a *ser ou não uma*

mulher, mas de como o sujeito em sua relação identificatória com outro sujeito poderia constituir a sua subjetividade: *ser uma mulher* está diretamente ligado aos semblantes fornecidos pela cultura que são destinados ao significante “mulher” (BROUSSE, 2015). Segundo Brousse (2015), o discurso do sujeito serviria então, como o laço social, sendo esse, um laço sexuado. Esse discurso serviria como um “verdadeiro manual”, que se aplicaria a sociedade, época e todos os modos de gozo permitidos e proibidos nesse contexto específico.

Adentrando a proposta central deste artigo - a lésbica - seria destoante nomear essa como homossexual, já que Lacan, em “O aturdido” afirma que é “heterossexual quem ama as mulheres, qualquer que seja o seu sexo próprio’: um homem que ama as mulheres é heterossexual, uma mulher que ama as mulheres é heterossexual. A primeira, a que ama, é diferente da segunda, das que são amadas.” (BARROS, 2012, p. 4). Isso faz voltar a pensar na posição que ocupa a primeira mulher, a que ama, a mulher-ativa, mulher-masculino de Lacan, que demanda amar.

Seria antecipado afirmar que toda relação amorosa entre duas mulheres teria um masculino e um feminino, entretanto, há de se pensar na dinâmica dessa relação em particular. Não é qualquer relação entre



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulheres. Não é a relação rival entre mãe e filha. Nem tampouco a relação de homossexualização de uma histórica para com a mulher que deseja ser. Mas uma relação de amor *Eros*, erótica, destinada de uma mulher para outra, ou puramente, uma relação de amor. Ferenczi (1990, *apud* NETO CRUZ, 2012) fez a distinção do homoerótico quanto ao sujeito e quanto ao objeto, colocando cada uma numa relação diferente com sua sexualidade: o primeiro fazendo com o que o sujeito se enxergasse como sendo do sexo oposto ao seu biológico, comportando-se como tal; e o segundo havendo um reconhecimento do seu sexo com a genitália, embora modificando o seu destino pulsional para um objeto do mesmo sexo.

Lacan, citado por Quinet (2015), usa a terminologia *hommosexual* para poder diferenciar justamente do termo *homosexual* (com um 'eme' só), sinalizando que essa primeira palavra teria origem em *homme* - homem. Em uma tradução adequada para o português tem-se o termo *homensexual* ou *Homo sexualis*. Assim, o termo homensexual faria menção àquele que ama a quem se assemelha, ao outro pequeno do estádio do espelho, especular (QUINET, 2015).

Com esse novo jogo de palavras, Lacan vem dizer que para haver o real do sexo, é necessário que hajam *heteros*, diferenciando da relação com o semelhante,

narcísica. “Em outros termos, todo ato sexual - seja homem com homem, mulher com mulher ou homem com mulher - ocorre devido à Heteridade.” (QUINET, 2015, p. 98). Segue, abaixo, a equação apresentada por Quinet (2015) para representar essas relações.

$$\frac{\text{Homo}}{\text{Heteridade}} \rightarrow \frac{\text{Amor pelo semelhante}}{\text{gozo do diferente}} \rightarrow \frac{S1}{R}$$

Como situar as homossexualidades a partir das fórmulas da sexualização? Nada impede que um homem, se inscrevendo do lado do todo fálico (dito homem), tenha uma escolha de objeto homossexual ou heterossexual, assim como também se inscrevem desse lado, diz Lacan, as mulheres históricas, que também podem ser hétero ou homossexuais ou ainda bissexuais. (QUINET, 2015, p. 98)

O que se pode notar disso, em suma, é que numa relação lésbica, entre duas mulheres, há uma relação de heteridade. A primeira mulher, que ama a segunda, assumindo a postura masculina dentro dessa relação - por ser aquela que primeiro direcionou o amor - inscreve-se com isso no papel do todo fálico, a partir do significante fálico (⊖), e desse modo, passará a buscar uma outra que se situe do lado do não todo (dito mulher).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Da mesma forma o homossexualismo feminino. Uma mulher pode situar-se no lado todo fálico e eleger sua companheira como objeto sexual (\$a). A caricatura dessa posição é o sapatão, a mulher virilizada. Essa reproduz o par mãe-filha, na medida em que essa falta pode representar o objeto *a* para a mãe. Ela também pode situar-se do lado do não-todo La barrado F e buscar o falo (o) do lado *todo fálico* - são as mulheres que procuram a proteção de outra mulher como se busca um pai ou uma mãe fálica - figuras do Outro que tem falo. São as mulheres que, como a jovem homossexual, diz Freud, condensam nessa escolha as tendências homossexuais e heterossexuais. (QUINET, 2015, p. 99)

A dicotomia masculino e feminino não deixa de se apresentar em uma relação sexual entre duas mulheres. Retornando a afirmativa de Lacan sobre o heterossexualidade, pegando a homossexualidade trazida por Quinet, e os novos termos propostos por Lacan *Homossexual* e a *heteridade*, faz perceber que somente na diferença sexual há o real do sexo, pois somente o heteros suporta os sexual, seja ele qual for e como for. Isso tudo se dá além dos cromossomos sexuais XX e XY expressados biologicamente nas genitais dos sujeitos, nesse caso, das sujeitas lésbicas. “Para haver sexo é necessário a diferença do outro - não se faz sexo com o mesmo” (QUINET, 2015, p. 99).

Conclusões

Pensando no homem e na mulher, constituídos psiquicamente desde a sua infância pelo complexo de Édipo e sua possível dissolução, vê-se que os papéis de gênero podem ser confundidos com o sexo do indivíduo. Na vivência da sua sexualidade, a mulher enquanto se constitui como lésbica, não responde somente da posição passiva daquela que inveja o falo, e busca-o no homem para se completar. Naquilo que a psicanálise pensa como gênero, entra o papel das identificações sexuais, incorporando no sujeito discursos que são da cultura, responsáveis por definir o que será permitido ou proibido em dado contexto.

É interessante observar a diferença entre identificação, identidade e escolha objetal, na lésbica. A mulher, lésbica, identifica-se com a figura feminina, posto que é uma mulher, biológica e psiquicamente - e considera-se aqui a posição cis -, possui uma identidade de gênero voltada para a relação identificatória ao feminino e de desejo, também, ao feminino e direciona sua escolha objetal a um outro ser não-fálico, assumindo, ou não, a posição de todo fálico na relação - sexual e de sexualidade.

Para Lacan, não existe a homossexualidade. O que existe é uma necessidade de uma relação de heteridade



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

para que possa dar sustento ao sexo. E isso não se faz diferente em um relacionamento entre mulheres lésbicas: em qualquer que seja a relação, para que ela se sustente é necessário um lado todo fálico (dito homem) e um lado não-todo (dito mulher). É nessa dicotomia, na relação entre os diferentes, que se constituirá a relação do sexo.

Vale salientar, por fim, que o posicionamento de Lacan versa sobre as ocupações de posições sexuais e não sobre um estereótipo sócio-cultural que indica a masculinização/virilização dos corpos - esse processo é individual, e está, de todo perpassado, pela via da escolha e da relação de formação identitária e não pela ordem do sexo e da sexualidade direcionada ao desejo pelo outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R. R. **Da diferença sexual à diferença feminina.** Opção Lacaniana Online, ano 3, número 9, 2012. ISSN 2177-2673.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v.1.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BROUSSE, M-H. **O que a psicanálise sabe das mulheres como 'gênero'.** Nueva York, 2015. Disponível em:

<<http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2015/03/LQ494.pdf>> Acesso em 18 abril de 2016.

D'EAUBONNE, F. **As Mulheres antes do Patriarcado.** Lisboa: Veja, [s.d]

FREUD, S. Feminilidade. (1932-1936) In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (Conferência XXXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. **Pulsions et destins des pulsions.** In: Oeuvres complètes. Direct. Scient. Jean Laplanche. Paris, PUF, (1915). 1988. v.13.

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica.** In: Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. (Org.). Fundamentos de epidemiologia. 2ed. A. 398 ed. São Paulo: Manole, 2010, v. , p. -377. Disponível em:< http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_Cristi > Acesso em: 18 Abril 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LIRA, G.P.A. **Psicanálise, cultura e exercício da livre sexualidade humana: desejo e falta na bissexualidade.** Campina Grande, 2014. Disponível em: < http://www.editorarealize.com.br/revistas/generox/trabalhos/Modalidade_1datahora_17_05_2014_23_30_24_idinscrito_276_8a54b4752_8d4c558a3e147bd43cbe7f3.pdf> Acesso em 18 Abril 2016.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.** São Paulo: EDUC, 2000.

MOREIRA, J.O. **Édipo em Freud: o movimento de uma teoria.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004. Disponível em: <



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08.pdf >

Acesso em 18 Abril 2016.

NETO CRUZ, M. P. **Para além do homem e da mulher: considerações teóricas a partir de um estudo de caso de uma transexual lésbica.** Curitiba, 2012. Disponível em:

<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/2013/manoel_pereira_cruz_netto-7ed.pdf> Acesso em 18 Abril 2016.

QUINET, A. **Homossexual e heteridade.**

Stylus Revista de Psicanálise, n 31, p. 97-101, 2015. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n31/n31a10.pdf>> Acesso em 18 Abril 2016.

RESENDE, A. M. **Bion e o futuro da Psicanálise.** Campinas: Papirus, 1993.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** Estados Unidos, 2010.

Disponível em: <

http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf> Acesso em: 18 Abril 2016.

STOLLER, R. **Recherches sur l'Identité**

Sexuelle. Paris: Gallimard, 1978 (tradução de "Sex and Gender", cuja primeira edição é de 1968).

VALDÍVIA, O. B. **Psicanálise e**

Feminilidade : Algumas Considerações.

Psicologia, ciência e profissão, 1997, 17, (3), 20-27. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000300004> Acesso em: 18 Abril 2016.

